

EXCLUSIVO

Oferecer artigo 4

CORONAVÍRUS

# Vacinar crianças contra a covid-19: “luxo” dos EUA ou possibilidade na Europa?

Regulador norte-americano autorizou a vacina em camadas mais jovens. Especialistas ouvidos pelo PÚBLICO dizem que vacinação das crianças poderá trazer vantagens, mas relembram que Estados Unidos estão mais avançados no plano de vacinação do que a Europa.

**Miguel Dantas**

11 de Maio de 2021, 0:16



Luz verde da FDA chegou nesta segunda-feira REUTERS

A agência norte-americana que regula os medicamentos, a Food and Drug Administration (FDA), autorizou nesta segunda-feira a utilização da vacina da Pfizer-BioNTech em crianças entre os 12 e os 15 anos (<https://www.publico.pt/2021/05/10/sociedade/noticia/covid19-responsavel-menos-40-obitos-gravidas-ano-mexico-1961866>). Esta decisão requer ainda a aprovação do Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos antes de entrar em efeito, algo que o *The New York Times* dá como muito provável acontecer.

A luz verde dada pelo regulador surge após ensaios clínicos que envolveram 2260 adolescentes nesta faixa etária (<https://www.publico.pt/2021/04/23/ciencia/noticia/vacinas-covid19-criancas-estao-quase-ai-vacinaria-filho-1959195>): as conclusões do estudo indicaram que a vacina da Pfizer é segura para crianças desta idade, com os efeitos secundários a serem semelhantes aos registados nos jovens com idades entre os 16 e os 25. Cerca de 20% dos adolescentes inoculados neste ensaio registaram febre: na faixa etária seguinte (18-25), rondavam os 17%.

- **Como está a correr a vacinação da covid-19? Compare Portugal com os outros países** (<https://www.publico.pt/interactivo/vacina-covid-19>)

Podemos esperar agora que a Agência Europeia de Medicamentos (EMA) siga a decisão do regulador norte-americano? A Europa também vai dar a vacina a crianças entre os 12 e os 15 anos?

O investigador Miguel Prudêncio, do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina de Lisboa, acredita que a EMA não vai fazer uma “transposição directa e imediata” da decisão da FDA, considerando previsível que sejam solicitados “dados adicionais e esclarecimentos sobre a forma como o estudo foi conduzido”. Reconhecendo que esta decisão “abre a porta” à inoculação dos mais jovens, Miguel Prudêncio faz questão de chamar a atenção para a evolução do plano de vacinação norte-americano.

“Creio que os Estados Unidos, neste momento, podem dar-se ao luxo de vacinar camadas de população que não são de risco elevado, porque já têm uma cobertura vacinal da população adulta muito significativa. Julgo que na Europa ainda temos um caminho a percorrer antes de pensarmos em vacinar pessoas com um risco baixíssimo”, considera Miguel Prudêncio, em conversa com o PÚBLICO.

Olhando para o historial de decisões, o investigador Miguel Castanho, também do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa, considera provável que a decisão da EMA não seja muito diferente da adoptada pela FDA.

“Espera-se que seja feito um pedido às autoridades europeias. Normalmente, os tipos de análise são semelhantes de um lado e de outro. É muito provável que na Europa [a aprovação] também venha a acontecer. (<https://www.publico.pt/2021/04/29/mundo/noticia/biontech-vacinacao-criancas-uniao-europeia-avancar-proximos-meses-1960494>) Não é obrigatório, longe disso, mas os critérios de avaliação têm semelhanças, não se espera uma diferença radical”, começa por dizer o investigador.

## **Vacinar mais jovens protege os outros grupos**

Miguel Castanho explica que o papel das faixas etárias mais novas na propagação da doença ainda não é totalmente claro (<https://www.publico.pt/2020/05/07/ciencia/noticia/papel-criancas-transmissao-novo-coronavirus-1915559>), mas a possibilidade de vacinar os adolescentes é sempre uma ferramenta positiva na luta contra a pandemia. O surgimento de uma variante que afecte os mais novos é outra das razões para apostar na precaução.

“Ainda não há dados muitos consensuais, mas é importante ter essa ferramenta e saber que as vacinas resultam em crianças, são eficazes e seguras. Aplicando-se o princípio da precaução, pode fazer-se a vacinação em crianças. Ainda que não tenha a certeza completa de que as crianças sejam um problema (<https://www.publico.pt/2020/11/18/sociedade/noticia/vacinacao-covid19-opinio-criancas-nao-sao-grupo-prioritario-1939777>), faço a aplicação nesta faixa etária para garantir que, tanto quanto possível, vou travar uma propagação do vírus. Por outro lado, de hoje para amanhã, não sabemos quando pode surgir uma variante que acabe por ser mais perigosa para esta faixa etária do que as actuais”.

Por sua vez - e em linha com o que disse o investigador Miguel Castanho -, Miguel Prudêncio destaca a protecção comunitária que a vacinação dos mais novos poderá trazer.

“A vacinação das crianças, no meu entender, tem porventura mais impacto em termos comunitários pela redução na transmissão do vírus, do que propriamente na protecção das crianças vacinadas – que, à partida, não são um grupo que desenvolva tendencialmente formas mais graves da doença. De uma forma muito simplista, a grande vantagem é reduzirmos substancialmente a transmissão nesse grupo. Se a vacina impedir a infecção, evidentemente também impede a transmissão”, explica.